

Letramentos acadêmicos e multimodalidade em contexto de EaD semipresencial

Fabiana Komesu*

Resumo

De uma perspectiva teórica enunciativo-discursiva, este artigo tem como objetivo discutir o processo de constituição do texto em contexto digital, de maneira particularizada, por meio da problematização de modos e recursos semióticos atualizados na produção acadêmica do universitário que utiliza computador com acesso à internet no processo de Educação a Distância (EaD) semipresencial. Interessa investigar como o modelo de letramentos acadêmicos pode ser articulado ao estudo da multimodalidade, considerando-se que em ambiente eletrônico o universitário tem, por hipótese, acesso “ilimitado” a todo e qualquer texto, não apenas ao chamado “verbal”, comumente atribuído ao elemento gráfico. O conjunto do material é formado de textos produzidos por alunos do Curso de Pedagogia semipresencial da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP) no ano de 2010.

Palavras-chave: Escrita. Letramentos. Discurso. Educação a distância. Internet.

Educação a distância no Brasil

Na área de Educação no Brasil – mas não somente –, é cada vez mais marcada a reflexão segundo a qual os cursos de educação a distância apresentam excelência e qualidade, seja na constituição do quadro de profissionais envolvidos, seja na formação dos alunos, seja no conjunto dos materiais que compõem a infraestrutura desses cursos. Assim reconhecidos, distanciam-se de um simulacro de ludíbrio daqueles interessados apenas num diploma em nível superior. Belloni (2009, p. 118), por exemplo, destaca o fato de a Educação a Distância (doravante EaD)

* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *campus* de São José do Rio Preto, SP.

participar, de maneira cada vez mais regular, dos sistemas educativos, em especial, no que se refere à educação de adultos, tanto no ensino universitário quanto na formação contínua, demanda de uma sociedade que se quer reconhecida por si própria e pelos demais grupos como tecnológica e plenamente globalizada.

Em termos de políticas de ensino, as vantagens da criação de cursos de Educação a Distância têm sido amplamente divulgadas pelas instâncias federal, estadual e particulares. Não se trata, no caso de políticas públicas, de privilégio de governos atuais; a necessidade de descentralização, com formação de profissionais aptos a atuar nos municípios do País, com menos ônus para a Nação e os Estados, não é novidade. Moore e Kearsley (2007) propõem pensar cinco gerações de educação a distância: a primeira teria início com cursos de instrução por correspondência, ainda no final do século XIX, na Europa, passando por transmissão por rádio e televisão, por universidades abertas, por teleconferência, até chegar à era da internet/web (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 25-26). Freitas (2005), ao traçar panorama geral da história da EaD, lembra que, no Brasil, o Instituto Universal Brasileiro pode ser considerado a instituição mais antiga na promoção de educação a distância. Desde 1940, o IUB mantém cursos por correspondência para os que ambicionam “preparo ou complementação cultural ou profissional”, mas não têm possibilidade de frequentar escola regular ou curso profissionalizante (disponível em: <<http://www.institutouniversal.com.br/>>. Acesso em: 9 ago. 2011).

Em pesquisa publicada em 2010, referente a dados de 2009, a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) divulgou a existência de 1.764 cursos em instituições credenciadas, distribuídos em cursos de EJA (Educação de Jovens e Adultos), graduação, pós-graduação, extensão e profissionalizantes; 468 cursos em instituições que ofertam cursos livres¹ e 561 cursos em instituições que ofertam cursos corporativos, num total de 2.793 cursos. Trata-se, segundo a ABED, de 901.274 alunos matriculados em instituições credenciadas; 1.441.298 alunos em cursos livres e 254.785 alunos em cursos corporativos, o que resulta em 2.597.357 alunos que estudaram na modalidade a distância ou na modalidade semipresencial² no País no ano de 2009 (disponível em: <http://www2.abed.org.br/faq.asp?Faq_ID=32>. Acesso em: 2 nov. 2011).

O periódico brasileiro *Valor Econômico* aponta para tendência de crescimento no mercado de educação a distância, depois de período de desaceleração, na

1 - Trata-se de modalidade não formal de duração variável.

2 - Define-se modalidade semipresencial como aquela em que as atividades de ensino/aprendizagem são desenvolvidas, em parte, sem que alunos e professores estejam presentes fisicamente no mesmo lugar e horário, caso do Curso de Pedagogia semipresencial da UNIVESP, que tem 60% de atividades *on-line*, promovidas por meio de tecnologias de informação (internet e TV digital), e 40% de atividades presenciais realizadas em dois encontros semanais com tutores.

avaliação de especialistas. “O novo ciclo de investimentos coincide com a possibilidade de o Ministério da Educação flexibilizar [...] os decretos de 2005 e 2006, que exigiram uma reestruturação nos polos de ensino a distância, com a criação bibliotecas e laboratórios de informática” (KOIKE; MOURA, 2011, disponível em: <<http://www.valor.com.br/empresas/1003330/ensino-distancia-tem-novo-ciclo-de-investimentos>>. Acesso em: 12 set. 2011). Segundo o jornal, muitas faculdades não conseguiram cumprir as exigências, e, em 2008, foram desativados mais de 1300 polos de EaD em todo o país. Ainda assim, diz o jornal, o segmento conta, na atualidade, com um milhão de alunos apenas em cursos de graduação a distância. Cursos de graduação presencial somam cinco milhões e trezentos mil alunos.

É com a proposta de ampliar e enfatizar o papel do Estado no cenário das políticas públicas de Educação Superior que o Governo do Estado de São Paulo criou, em 2008, a UNIVESP – Universidade Virtual do Estado de São Paulo –, programa que congrega universidades e centros públicos, agências de fomento à pesquisa e fundações estaduais (VOGT, 2009, p. 9-10). Em março de 2010, a UNIVESP deu início ao primeiro Curso de Pedagogia semipresencial, sob coordenação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Nesse cenário de uma educação do futuro já-presente, os atores principais, salienta Belloni (2009), são o *professor coletivo* e o *aluno autônomo*. Esse novo tipo de indivíduo do século XXI teria competências múltiplas, com capacidade de aprender a se adaptar a situações novas e organizar o próprio trabalho, resolver problemas, assumir responsabilidades, aprender por si próprio, ser flexível diante de novas tarefas, saber trabalhar em equipe (BELLONI, 2002; 2009; MOORE; KEARSLEY, 2007; COLL; MONEREO, 2010). É pensando, pois, de maneira ampla, na relação entre professor e aluno no contexto de curso semipresencial e, de maneira particularizada, no processo de produção de textos escritos digitais, resultante desse modo de interação distinto do tradicional, em suporte material específico, que proponho esta reflexão sobre o processo de constituição do texto digital, mediante investigação de modos semióticos diversos atualizados na produção acadêmica do universitário que utiliza computador com acesso à internet no processo de EaD semipresencial. Interessa-me investigar como o modelo de letramentos acadêmicos pode ser articulado ao estudo da multimodalidade, considerando-se que, em ambiente eletrônico, o universitário tem, por hipótese, acesso “ilimitado” a todo e qualquer texto, não somente àquele reconhecido como “verbal”, comumente atribuído ao recurso gráfico.

Considero, a exemplo do que diz Zavala (2010) no contexto peruano, que com a expansão do ensino superior se assume que os universitários chegam à instituição prontos para responder às demandas de práticas letradas que esse nível lhes exige. Torna-se importante, da perspectiva do pesquisador, refletir sobre os conflitos resultantes de diferentes maneiras de pensar, atuar, valorizar, falar, escrever num contexto institucional como o da universidade; torna-se relevante também refletir sobre a constituição dos sujeitos em meio a discursos acadêmicos que regem as práticas letradas institucionalizadas.

Sobre o conjunto do material

O conjunto do material é formado de 39 (trinta e nove) textos produzidos por universitários do Curso Pedagogia semipresencial da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP). Esses textos compõem conjunto mais amplo, ainda em constituição, por mim organizado na UNESP. Esclareço que os procedimentos éticos de coleta e utilização do material foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) da UNESP.³

A UNIVESP é um programa do Governo do Estado de São Paulo criado por decreto em 2008 (Decreto nº. 53.536, de 9 de outubro de 2008). O objetivo explícito é a formação de professores em exercício para Educação Infantil, Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Gestão da Unidade Escolar, com a consequente expansão do ensino superior público. Com duração de pouco mais de três anos, carga horária de quase 3.400 horas, o curso tem atividades *on-line* e presenciais (ver nota de rodapé nº 2). A UNESP, responsável pelo primeiro curso de graduação do Programa, o de Pedagogia, administra polos em 21 cidades do Estado de São Paulo.

Destaca-se que a atividade em questão estava inserida na disciplina de “Educação e Linguagem”, em “Formação Geral” (Bloco 1), “Introdução à Educação” (Módulo 1). Quando do cumprimento da atividade, os alunos já haviam estudado conceitos como *linguagem* (denominada “verbal” e “não verbal”)⁴ e *lingua* (como fenômeno cognitivo, cultural, social, histórico), mediante textos

3 - Parecer CEP/IBILCE/UNESP nº 059/10.

4 - Talvez um dos desafios que a associação entre letramentos acadêmicos e multimodalidade imponha ao estudioso das Ciências da Linguagem seja o da crítica à distinção entre linguagem verbal e linguagem não verbal, considerando-se que: (i) aquilo que diz respeito à comunicação humana é *sempre da ordem do verbal*, não somente o que se refere à atividade fundada em sistema de escrita alfabético (ver, por exemplo, KRESS, 2009) e (ii) o reconhecimento de recursos de base semiótica distinta permite colocar em evidência o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem.

que integravam recursos semióticos diversos (gráfico, imagético em movimento, sonoro, digital, dentre outros). Com base na leitura de material complementar – quadro intitulado “Significado das cores”, em *Teoria e Prática de Diagramação*, de Collaro (1996) –, o universitário deveria procurar, pelo menos, um exemplo de produto caracterizado por uma das cores apresentadas no referido quadro. Havia sugestão de embalagem de produto de alimento, de limpeza ou qualquer propaganda ou programa de televisão. O produto escolhido deveria ser “descrito em detalhes”, com explicação sobre a associação entre cor e significação pretendida. Uma das recomendações da atividade era para, se fosse possível, “postar a imagem do produto no arquivo”.

Pode-se dizer que a proposta priorizava a percepção de diferentes recursos semióticos componentes da linguagem, com destaque para utilização de instrumental gráfico, entendido como representação por figura ou desenho; reflexão sobre associação entre cor e significação; reflexão sobre transformação da língua nos dias atuais, para pensar tópicos que poderiam ser vinculados, mais fortemente, à discussão sobre linguagem, educação e tecnologia.

Interessa-me problematizar a organização do texto produzido num curso universitário semipresencial, considerando como o modelo de letramentos acadêmicos, entendido como práticas sociais de leitura e escrita matizadas e situadas, as quais abrangem do ensino fundamental ao universitário e ao pós-graduado (LEA; STREET, 2006, p. 368-369), pode ser pensado na relação com a multimodalidade, entendida como “o uso de diversos modos semióticos no *design* de um produto ou evento semiótico” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 20; JEWITT, 2009, p. 1-2), em ambiente que, por hipótese, permite acesso “ilimitado” a todo e qualquer texto, não somente àquele reconhecido como “verbal”, comumente atribuído ao recurso gráfico.

O tratamento qualitativo-interpretativo dado ao material fundamenta-se em pressupostos da teoria de enunciação de Bakhtin e seu Círculo e da Análise do Discurso de linha francesa, os quais permitem trabalhar os conceitos-chave de: (i) *discurso*, entendido como *maneira de apreender a linguagem* na relação entre língua e história, segundo determinadas condições de produção; (ii) *texto*, tomado como *unidade concreta da comunicação verbal*, *réplica ao diálogo* que se estabelece entre enunciados na linguagem, o que permite relacionar procedimentos discursivos a produção e disseminação de sentidos, numa teoria não subjetivista da enunciação; (iii) *letramentos*, tomado em seu caráter de diversidade de práticas escriturais situadas, não restritas ao domínio do alfabeto e ao acesso dos indivíduos a práticas de leitura e escrita executadas ou não em contexto escolar formal.

Dialogismo e multimodalidade

De uma perspectiva da teoria de enunciação de Bakhtin e de seu Círculo, o *dialogismo* pode ser concebido como princípio da linguagem na relação constitutiva com a história. Parte-se da premissa de que o homem não tem acesso direto à realidade e que não se trata, portanto, de noção biológica ou fisiológica da linguagem, mas de concepção ideológica. Com efeito, segundo Fiorin (2006), “[n]osso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o mundo. Essa relação entre os discursos é o dialogismo” (FIORIN, 2006, p. 167). A produção de textos ou de enunciados nesse quadro é entendida como prática significativa, numa significação que produz trabalho, no movimento entre sujeito, outro e contexto socioistórico.

Essa reflexão sobre dialogismo e a problemática da língua como *signo ideológico*, proposta por Bakhtin e o Círculo, é de interesse direto da investigação de enunciados produzidos em contexto digital. É sabido que a relação entre modos de enunciação e elementos semióticos diversos não é privilégio das novas tecnologias de informação e comunicação, mas fenômeno característico dos processos de convenção simbólica.⁵ É sabido também que recursos tecnológicos, como os apresentados na rede e em plataformas eletrônicas de aprendizado, têm colocado em evidência, em atividades humanas distintas, a convivência assimétrica entre múltiplas semioses de base gráfica; sonora; texturizada; colorida; imagética estática e em movimento, dentre outras (cf. KRESS; VAN LEEUWEN, 2001; KRESS, 2009; XAVIER, 2002; ROJO, 2009).

Consideremos, pois, a constituição do texto em contexto digital, comumente pensado como hipertexto. O conceito de hipertexto é objeto de diversas áreas do conhecimento, da informática às ciências sociais, à política, filosofia, educação, comunicação, semiologia, teoria literária, linguística. É comumente tomado como não linear, não hierárquico, descentralizado, disperso, rizomático, múltiplo (LÉVY, 1993; MARCUSCHI, 2010; XAVIER, 2002, 2005; KOMESU, 2005; BRAGA, 2007; GALLI, 2008; RIBEIRO, 2008; ARAÚJO, 2009; COSCARELLI, 2005).

Assumo, neste trabalho, o conceito de hipertexto como dispositivo, ao

5 - Numa tentativa de distinção metodológica, poder-se-ia dizer que práticas de leitura e escrita na contemporaneidade, como as relacionadas ao contexto institucionalizado universitário (mas não apenas) encontrar-se-iam em dois planos aparentemente distintos, mas que são, enfim, indissociáveis. De um lado, há a inegável novidade da integração entre múltiplas semioses nos suportes eletrônicos; de outro, há o plano dos discursos condicionados pela força de relações socioistóricas que antecedem e sucedem os dizeres dos grupos e dos sujeitos. Acredito que parte dos estudos linguísticos que celebram a novidade da produção e recepção de textos em contexto digital tem priorizado o primeiro plano, o dos dispositivos sociotécnicos, desconsiderando que, em toda sociedade, o “novo” é raro e escasso na ordem dos discursos (FOUCAULT, 1996, p. 8, *passim*).

mesmo tempo, material e discursivo, que permite, mediante *links* nele indexados, acessar determinados hipertextos (não quaisquer uns) que circulam na internet, disseminando, dessa maneira, sentidos socioistoricamente condicionados por práticas atualizadas não apenas na rede, mas também fora dela. Entendo, assim, que a constituição de hipertexto, a exemplo do que diz Corrêa (2002) a propósito do processo de textualização, é mais complexa do que simplesmente submeter uma mensagem a uma codificação (gráfica, sonora, digital), já que, entre outras coisas, é preciso retomar dialogicamente textos já falados/ouvidos, escritos/lidos e formular um “novo” que, uma vez produzido, pode ser submetido a ressignificações.

Pensando de maneira específica no processo de textualização em contexto de EaD semipresencial, pode-se dizer que a expectativa é a de que os universitários tenham competência não apenas para leitura de hipertextos, mas também para a produção de textos que integrem recursos semióticos distintos. No caso do material em análise, por exemplo, esperava-se que o universitário postasse imagem de produto escolhido no arquivo eletrônico por ele elaborado; supõe-se que essa imagem não seja colocada no texto de *qualquer forma*, mas em consonância com a composição de textos numa dada cultura, na disseminação de determinados sentidos. Poder-se-ia, ainda, presumir a inserção de *links*, caso a atividade fosse disponibilizada em rede. Parece haver, de fato, ênfase na relação entre modos e recursos semióticos diferentes, mesmo que competências e habilidades letradas requeridas do universitário, para essa finalidade, não sejam amplamente explicitadas.

A multissemióse aparece como um dos traços característicos do hipertexto. Uma maneira de entendê-la é compartilhar, no âmbito da Teoria Crítica, ideias como as de Bolter (2001), que define esse traço pela possibilidade de estabelecer conexão simultânea entre as chamadas linguagens “verbal” e “não verbal” de maneira integrativa, graças a recursos de hipermídia. No âmbito dos estudos sociointeracionistas, Xavier (2002) acredita que há confluência específica dos modos enunciativos no hipertexto que são interpostos, ao mesmo tempo, na tela do computador, por meio do traço de multissemióse (cf. XAVIER, 2002, p. 30). Para esses autores, a multissemióse talvez seja o traço que evoca mais diretamente o vínculo entre suporte material e emergência do hipertexto.

Do ponto de vista da Semiótica Social, Kress e Van Leeuwen (2001), como visto, definem *multimodalidade* como uso de diversos modos semióticos – linguístico, acional, visual – no *design* (conceituação da forma) de produto ou evento semiótico, bem como a maneira particular por meio da qual esses modos são organizados, podendo, por exemplo, se reforçar, dizendo a mesma coisa

de maneiras diferentes, ou assumir papéis complementares no processo de comunicação, ou ser hierarquicamente ordenados, caso de filmes de ação nos quais a ação é dominante, com sincronia entre som e toque de presença realista, exemplo dos autores. Trata-se, portanto, da necessidade de observar todas as formas de comunicação – e não apenas a linguística – para o estudo da produção dos sentidos.

Para o que me interessa, os conceitos de *multissemiose* e *multimodalidade* podem ser produtivos em termos metodológicos de uma reflexão sobre texto em contexto digital, ainda que parte desses textos não seja disponibilizada para circulação na rede, caso das atividades acadêmicas de EaD em análise. De uma perspectiva teórica enunciativo-discursiva, o traço da *multissemiose* ou *multimodalidade* pode ser investigado em termos de dialogismo entre modos e recursos semióticos nas práticas sociais humanas, não restritos à superposição de elementos, mas integrados à produção e disseminação de sentidos sociohistoricamente condicionados. Destaco o fato de a atividade em questão ter sido elaborada sob condições que privilegiam essa relação, mesmo que se saiba que a escrita no padrão culto formal permanece como de maior prestígio, em um tempo histórico em que a exposição de imagem é predominante.

Pensemos, então, como esses aspectos da multimodalidade podem ser associados ao modelo dos letramentos acadêmicos em contexto semipresencial.

Letramentos e dimensões “escondidas” dos letramentos acadêmicos

O conceito de letramento é definido, com base em Street (1984), como práticas sociais, apreensíveis em eventos de leitura e escrita, cuja finalidade é promover a identidade de determinado grupo, mediante legitimidade associada a estruturas de poder, a interesses coletivos e individuais, num certo contexto socioistórico. É sabido que Street (1984) propõe a distinção entre *modelo autônomo*, o qual enfatiza a capacidade de o indivíduo escrever e ler de acordo com regras gramaticais, com destaque para habilidades cognitivas, e *modelo ideológico*, o qual coloca em relevância o processo de socialização na construção de sentidos de letramento para os sujeitos participantes, considerando-se, portanto, as instituições sociais por meio das quais esse processo emerge e não apenas os processos escolares explícitos. O autor considera, pois, a existência de diversas práticas de letramento e não apenas uma única, o que o leva a propor o termo “letramentos”. A crítica de Street ao modelo autônomo incide sobre uma de suas consequências, a saber, a associação de letramento a “progresso”, “civilização”, liberdade individual

e mobilidade (ascensão) social, como se a discussão pudesse ser promovida, simplesmente, em termos de “técnica” ou de “neutralidade”.

Lea e Street (2006), como exposto, propõem refletir sobre o modelo de letramentos acadêmicos como aquele que promove práticas sociais de leitura e escrita do ensino fundamental ao universitário e ao pós-graduado. Para os autores, essas práticas de letramento de disciplinas acadêmicas variam segundo contexto, cultura e gênero e podem estar relacionadas não apenas a temas e disciplinas, mas também a discursos institucionais mais amplos, o que impõe ao estudante o duplo desafio de mudar de estilo de (escrita de) gênero a cada contexto e de trabalhar com sentidos sociais e identidades que cada uma dessas práticas evoca. Mais do que competência técnica, competência linguística e assimilação de cultura, trata-se, para os autores, de discutir a relação entre epistemologia, autoridade e produção de conhecimento (cf. LEA; STREET, 2006, p. 369; STREET, 2010, p. 545).

Mais recentemente, na avaliação de artigos acadêmicos redigidos por doutorandos de uma universidade norte-americana, Street (2010) chama a atenção para o fato de aspectos cobrados na avaliação feita por supervisores, assessores e editores de revistas nem sempre ficarem evidentes no processo de ensino. Essas dimensões “escondidas”, com aspas, são, em particular, ligadas à inscrição da voz e ao grau de envolvimento de quem escreve; à explicitação da contribuição a ser dada, considerando-se a perspectiva em que o texto se apoia; ao estabelecimento oportuno dos propósitos do artigo (cf. STREET, 2010, p. 542 *passim*).

No caso do conjunto do material analisado, a saber, textos provenientes de atividades de Curso de Pedagogia semipresencial, a discussão da relação entre diferentes recursos semióticos, promovida em nível institucional, e a solicitação de inserção de imagem no arquivo eletrônico produziram como *réplica* textos que, em sua quase totalidade, dispunham de recursos gráfico-digitais e imagéticos. Apenas um entre os 39 textos do conjunto não apresentou figura ou desenho. Ocorre, porém, que, entre os 38 textos restantes, parece não haver reflexão sistematizada sobre integração multissemiótica ou multimodal; essa integração é a esperada do ponto de vista do leitor/avaliador (mas também do produtor do texto), se se considerar que o universitário em contexto de EaD é alguém que lida necessariamente com o diálogo entre linguagem e novas tecnologias e, nesse caso, está em formação como professor para ensinar outros alunos no cenário da Educação e das novas tecnologias na contemporaneidade.

Considerando-se a disposição espacial da figura no quadrante da página/lauda na tela de um computador, as análises mostraram predominância (16 em 38 textos)

de localização no plano superior (o que antecede o corpo do texto principal) em posição central, a exemplo da Figura 1:

CURSO: Graduação em Pedagogia UNESP/UNIVESP
ORIENTADOR DE DISCIPLINA: Luis da Conceição Gallego
ALUNO: XXXXXXXXXXXX
POLO: São José do Rio Preto
BLOCO: 1 – FORMAÇÃO GERAL MÓDULO:1 – Educação e Sociedade
DISCIPLINA 05: Educação e Linguagem

Análise de Propaganda



Escolhi o Bom Bril por sua história e por sua relevância, o Bom Bril surgiu da idéia da própria função do produto, isto é, Bom Brilho, espnja d ela de aço no Brasil é Bom Bril, ainda que exista outras marcas, sempre se pensa em Bom Bril é o caso de metonímia no qual utilizamos a marca pelo objeto.

A marca Bom Bril era vendida inicialmente individualmente enrolada em um selinho vermelho, neste mesmo ano devido a suas utilidades ficou conhecido por suas “1001 utilidades”, a partir de então, começou a ser comercializada em uma pequena caixa vermelha.

[...]

Figura 1

Em 12 dos 38 textos que apresentavam elemento pictórico, a(s) imagem(ns) é (são) colocada(s) no plano superior direito; em 6, a(s) imagem(ns) é (são) colocada(s) no plano inferior (o que sucede o corpo do texto principal) à direita; em 2, no plano inferior, em posição central. Numa das atividades, as imagens foram dispostas tanto nos planos superior e inferior direito, quanto no plano inferior esquerdo; noutra, as imagens foram colocadas no plano superior, à esquerda e à direita; noutra, ainda, as imagens foram colocadas no plano inferior, à esquerda e à direita.

De uma perspectiva dialógica, essa aparente ausência de sistematização aponta para o *diálogo* socioistórico que o universitário estabelece com outros textos já falados/ouvidos e escritos/lidos, numa tentativa de formulação de um “novo”. Práticas como as que envolvem leitura de periódicos impressos e eletrônicos

(jornal e revista, por exemplo), de livros e manuais didáticos, poderiam servir de referência para a disposição gráfica, o que justificaria a predominância da figura na parte superior da página/lauda. Pode-se dizer também que se trata de *resposta* à solicitação da instituição de “postar imagem do produto no arquivo”.

Foram encontradas apenas duas indicações de referência bibliográfica de onde as informações haviam sido extraídas; entre elas, somente uma referente à fonte da figura. A qualidade da imagem em *pixels*, isto é, em pontos luminosos que formam a imagem na tela do monitor, oscilou entre excelente e fraca. O modo de organização do texto no contexto acadêmico semipresencial parece, pois, prescindir de orientações na atividade prática de relacionar elementos tomados como “verbais” aos “não verbais”. Contrariamente, parece não haver conflito na distribuição espacial do elemento “gráfico” do texto escrito (supondo que o digital seja impresso), organizado de cima para baixo, da esquerda para a direita, na ordem canônica de leitura e escrita em práticas ocidentais, com emprego de parágrafo e de letras maiúsculas e minúsculas, sobretudo, em cor preta.

Os universitários parecem se valer de concepção tradicional de *texto*, reconhecida, principalmente, como texto verbal escrito, embora a proposta de atividade priorizasse relação entre recursos semióticos diversos, em contexto de produção que, por hipótese, permite acesso “ilimitado” a todo e qualquer hipertexto (não apenas o de base semiótica gráfica ou digital). Dentre os aspectos “transparentes” – com aspas, supondo que a transparência seja, de fato, possível discursivamente –, das instruções fornecidas aos estudantes, encontram-se: (i) formatação do texto (formato A4, fonte Arial, tamanho 11, espaçamento 1,5, margens superior/inferior 2,0, margens direita/esquerda 2,5); (ii) limite de linhas ou de laudas (mínimo de 20 linhas e máximo de uma lauda em produções textuais solicitadas na Ferramenta Portfólio); (iii) cabeçalho (com informações institucionais e pessoais).

Os critérios de avaliação explicitamente apresentados pela instituição no *Manual do Aluno* (2010, p. 31-32) são:

- i) coerência com o objetivo da tarefa, sem fuga ao tema;
- ii) correção gramatical (concordância, pontuação, ortografia, erro de digitação);
- iii) estrutura textual (coesão, clareza, sequenciamento lógico, atendimento ao número-limite de laudas);
- iv) cumprimento de prazos;
- v) participação individual em trabalhos em grupo.

Os letramentos acadêmicos poderiam, assim, ser caracterizados por aspectos estruturais (coerência, coesão, correção gramatical, estrutura do texto) e pragmáticos (prazos e participação em grupo), entendendo que essa estrutura se refere ao tratamento do texto verbal escrito e não ao diálogo (sociohistórico e cultural) entre múltiplas semioses em arquivo eletrônico. Não foram encontradas orientações, formuladas pelo quadro institucional da Universidade, para a composição redacional de textos “verbais” e “não verbais”, como se poderia supor no contexto de Educação a Distância semipresencial. Também não foram encontradas orientações para pesquisa em bancos de dados de imagem na rede ou fora dela; reflexão sobre a leitura de textos no contexto da multissemiose ou multimodalidade; orientação para inserção de *hiperlink* na composição de hipertexto, pensando no modo de circulação dos textos; recurso ao enunciado alheio, para a projeção de autoimagem como autor de texto acadêmico.

Permanecem, portanto, “escondidas”, determinadas dimensões dos letramentos acadêmicos em contexto semipresencial. Conforme Corrêa (2011), em estudo de aspectos dos letramentos acadêmicos em textos de universitários e pré-universitários, poder-se-ia dizer que as chamadas dimensões “escondidas” não são propriamente “escondidas”, uma vez que o termo aparece entre aspas; trata-se, na avaliação do autor, de índices de “presumidos sociais” que acompanham a realização da linguagem verbal e que, atuando, diretamente, na produção de sentido nos *enunciados concretos* (VOLOSHINOV/BAKHTIN, s.d.-1926), atuam, também, como presumidos dos gêneros do discurso” (CORRÊA, 2011, p. 5, grifos no original). Dito de outro modo, o “conjuntamente sabido”, o “unanimente avaliado” é o que permite a emergência dos enunciados nas diversas atividades (escritas, faladas, sonoras, gestuais, imagéticas, visuais...) das diversas culturas; o presumido na produção da linguagem é o “*horizonte espacial e ideacional compartilhado pelos falantes*” (VOLOSHINOV/BAKHTIN, s.d.-1926, p. 5, grifos no original).

Se parece não haver incertezas quanto às instruções para o cumprimento da tarefa (formatação do texto, limite de linhas ou de páginas, informações que devem constar no cabeçalho), segundo determinadas características da produção textual (coerência, correção gramatical, coesão, cumprimento de prazos, participação em grupo) – seja da perspectiva da instituição e do corpo docente (professor/tutor), seja da do universitário –, resta saber (pensar, discutir, atuar, valorizar) como esse último pode se tornar membro do discurso acadêmico, mediante práticas letradas institucionalizadas que dele exigem não somente habilidades e competências técnicas ou linguísticas, mas reflexão sobre produção de conhecimento e questões de autoridade e legitimidade no âmbito dos letramentos acadêmicos.

Academic literacies and multimodality in context of semi-present Distant Learning

Abstract

From a theoretical enunciative-discursive perspective, this article aims at discussing the process of the text consistency in digital context, in a particular manner, by means of problematic semiotic modes and resources updated in the academic production of the student who uses internet access computers in the semi-present Distant Learning (DL) process. It's of interest to investigate how the academic literacies model may be linked to the multimodality study, considering, in theory, that in an electronic environment, the student has "unlimited" access to every and any kind of text, not just the "verbal" (name generally attributed to the graphic component) one. The collected material contains texts which were produced by the semi-present Pedagogy Course students from the Virtual University of São Paulo (UNIVESP), in 2010.

Keywords: Writing. Literacies. Discourse. Distant learning. Internet.

Littéracies académiques et multimodalité dans un contexte de cours à distance semi-présentiel

Résumé

D'une perspective théorique énonciative-discursive, cet article a comme but de discuter le processus de constitution du texte dans le contexte digital, de façon particulière, par le biais de la problématisation de moyens et ressources sémiotiques actualisés à la production académique de l'universitaire qui utilise l'ordinateur comme moyen d'accès à l'internet dans le processus d'éducation à distance (EàD) semi-présentiel. Il est intéressant d'investiguer comment le modèle de littéracie académique peut être articulé à l'étude de la multimodalité, considérant qu'en milieu électronique l'universitaire a, hypothétiquement, un accès « illimité » à quelque texte que se soit, pas uniquement le « verbal », communément attribué à l'élément graphique. L'ensemble du corpus est constitué de textes produits par des étudiants du cours de Pédagogie semi-présentiel de l'Université Virtuelle de São Paulo (UNIVESP) de 2010.

Mots-clés : Ecriture. Littéracies. Discours. Education à distance. Internet.

Referências

ARAÚJO, Júlio César (Org.). Linguagem & Tecnologia: hipertexto, gêneros digitais e ensino. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC, v. 9, n. 3, set./dez. 2009.

BAKHTIN, Mikhail M. O problema do texto. In: BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997a. p. 327-358.

BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997b. p. 277-326.

BELLONI, Maria Luíza. **Educação a distância**. 5. ed. Campinas, SP: Editores Associados, 2009.

BELLONI, Maria Luíza. Ensaio sobre a Educação a Distância no Brasil. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 78, p. 117-142, abr. 2002.

BRAGA, Denise Bértoli. Letramento na internet: o que mudou e como tais mudanças podem afetar a linguagem, o ensino e o acesso social. In: KLEIMAN, Angela Bustos; CAVALCANTI, Marilda C. (Org.). **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 181-198.

COLL, Cesar; MONEREO, Carles. **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as novas tecnologias da informação e comunicação**. Tradução de Naila Freitas. Porto Alegre: Artmed, 2010.

COLLARO, Antonio Celso. **Teoria e Prática da Diagramação**. São Paulo: Summus, 1996.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **Linguagem & comunicação social: visões da lingüística moderna**. São Paulo: Parábola, 2002. p. 13-20.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Um caso de letramento “oculto” no ensino da escrita: temporalidade e história oficial. Trabalho apresentado para publicação à **Revista do I CITED** (I Colóquio internacional de texto e discurso), publicada como Anais do I CITED, realizado no período de 16 a 20/5/2011, na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp (*campus* de Assis), 2011.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 25-40.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 161-193.

FREITAS, Katia Siqueira de. Um panorama geral sobre a história do ensino a distância. In: ARAÚJO, Bohumila; FREITAS, Katia Siqueira de (Coord.). **Educação a distância no contexto brasileiro**: algumas experiências da UFBA. Salvador: ISP/UFBA, 2005. p. 57-68.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. **(Ciber)espaço e leitura**: o mesmo e o diferente no discurso sobre as “novas” práticas contemporâneas. 2008. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

JEWITT, Carey. Introduction. In: JEWITT, Carey (Ed.). **The Routledge Handbook of Multimodal Analysis**. New York: Routledge, 2009. p. 1-7.

KRESS, Gunther. What is a mode? In: JEWITT, Carey. (Ed.) **The Routledge Handbook of Multimodal Analysis**. London: Routledge, 2009, p. 54-67.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. England: Hodder Arnold Publication, 2001.

KOIKE, Beth; MOURA, Paola de. Ensino a distância tem novo ciclo de investimentos. **Valor Econômico**. São Paulo, 12 set. 2011. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/empresas/1003330/ensino-distancia-tem-novo-ciclo-de-investimentos>>. Acesso em: 12 set. 2011.

KOMESU, Fabiana. Pensar em hipertexto. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernardete (Org.). **Interação na internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 87-108.

LEA, Mary R.; STREET, Brian V. The “Academic literacies” model: theory and applications, **Theory Into Practice**. Ohio, v. 45, n. 4, p. 368-377, oct. 2006.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MANUAL DO ALUNO. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 11-80.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância**: uma visão integrada. Tradução de Roberto Galman. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

RIBEIRO, Ana Elisa. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista da ABRALIN**, v. 8, n. 1, p. 15-38, jan./jun. 2009.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos**: escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

STREET, Brian V. Dimensões “escondidas” na escrita de artigos acadêmicos. Tradução de Armando Silveiro; contribuições: Adriana Fischer. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 541-567, jul./dez. 2010.

STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice**. England: Cambridge University Press, 1984.

VOGT, Carlos *et al.* **UNIVESP**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

VOLOSHINOV, Valentin N.; BAKHTIN, Mikhail M. Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. S.d., 1926. (Mimeo) 18 p.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **Hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2002.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. Letramento digital e ensino. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Org.). **Alfabetização e letramento**: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 133-148.

ZAVALA, Virginia. Quem está dizendo isso?: letramento acadêmico, identidade e poder na educação superior. In: VÓVIO, Cláudia Lemos; SITO, Luanda; GRANDE, Paula Bacarat de (Org.). **Letramentos**: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p. 71-95.